

Gotas verbais

Isabela Cortez



5

Chuva. Havia caído muita chuva.

Amontoavam-se água, areia e folhas onde o sol, meio escondidinho, não conseguia ainda alcançar.

Era esquisita a estrutura daquela escola. Para que chegasse à sala de aula, precisava desviar das poças lamacentas que se aboletavam próximo às portas em razão de péssimas escolhas arquitetônicas. Se ela pensasse muito sobre esse fato, veria que poderiam servir como um novo tipo de tapete, daqueles que já lavam as solas e tudo. Dá para se aprender um bocado com os argumentos políticos contorcionistas desta cidade. Mas, não era com isso que ela estava preocupada — afinal, estava vivendo em vez de escrevendo. Naquela manhã, apenas queria entrar na sala de aula, felizmente mais preenchida por sol do que água, sem escorregar no chão e molhar muito mais do que os seus pobres pés, castigados por um par de saltos nada ortopédicos.

A verdade é que esses saltos mais revelam do que guardam um segredo: não se sentia muito adulta, tampouco professora. Sentir, percebamos, é muito diferente de saber. Bem sabia que adulta é. Professora, por outro lado...

Não acreditava que seria por meio deles que ganharia a credibilidade da turma, então decidiu ser honesta. Disse-lhes, antes de começar a aula:

— Estou nervosa, porque fiz isso muitas poucas vezes... sejam bonzinhos comigo, por favor — ao que eles responderam com sorrisos, balanços de cabeça, olhares crípticos (alguns bem sonolentos).

— Escrevam memórias, no caderno, apenas as escrevam — prosseguiu, com a voz seca da recente caminhada naquele vento de inverno tropical. Tanta água no chão lá fora e nenhuma gota na garrafinha...

Parque, panela, família.

No caderno, palavras assim, escreveram em frases.

— Deem-me verbos.

— “Fui”...?

— “Visitei”!

— Professora, “estava” também!

— “Eu comi”...

Pretérito...

Na lousa, começava a escrever.

— Perfeito.

- Imperfeito?
- Não, cara, é perfeito.
- Perfeito! — respondeu a professora.

Sim, era professora. Quando a palavra que conceitua o seu nome próprio fora devorada pela futura profissão durante aquela curta 1 hora, viu-se verdadeiramente pertencente a ela. A cada pergunta, respostas a ela ou retruques que delas fugiam, o que problema não era, mais e mais aquele nome comum preenchia espaços de sua identidade adulta.

Ensinar língua, como se pode ver, foi menos intimidante para ela do que aparenta ser; aprendê-la deve ser mais fácil para os alunos do que normalmente tem sido.

Ela, agora, bem sabe que é professora, que pode ser professora. Desse jeito assim.

Eles, depois, muito bem ficaram sabendo que pretérito pode ser perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, e isso porque, para além dessa mera constatação metalinguística, conscientizarem-se de que verbos estão em abundância não somente nas poças, mas nos rios e mares de palavras, cujas existências derivam da chuva linguística que cai, torrencial e incessantemente, sobre a arquitetura do mundo.

Junho, 2023